

**PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL: UMA REALIDADE CRESCENTE  
NAS ESCOLAS DO RIO GRANDE DO SUL**

**STUDENT VIDEO PRODUCTION: A GROWING REALITY IN SCHOOLS IN  
RIO GRANDE DO SUL**

Vania Dal Pont<sup>1</sup>  
Maristani Polidori Zamperetti<sup>2</sup>

Recebido em: 12/02/21

Aceito em: 30/04/2021

**Resumo:** O artigo apresenta e discute resultados de uma pesquisa realizada com professores de cinco cidades da rede municipal de ensino do estado do Rio Grande do Sul, sobre a produção de vídeo estudantil e a formação docente. Discute-se o uso da tecnologia e o crescimento da produção de vídeo dentro do contexto escolar como possibilidade de aprendizagem e se faz uma aproximação com a realidade vivenciada pelos jovens nas escolas. Observou-se o distanciamento das tecnologias na formação docente e verificou-se que o percurso realizado pelos docentes na produção de vídeo é vivenciado de forma autônoma sem muito apoio de sua formação. Foi possível detectar algumas contribuições da produção de vídeo no âmbito escolar e no processo educacional.

**Palavras-chave:** produção de vídeo estudantil; formação de professores; tecnologia.

**Abstract:** The article presents and discusses the results of a survey carried out with teachers from five cities in the municipal education network in the state of Rio Grande do Sul, on student video production and teacher training. The use of technology and the growth of video production within the school context are discussed as a possibility of learning and an approach is made to the reality experienced by young people in schools. It was observed the distance between technologies in teacher education and it was found that the path taken by teachers in video production is experienced autonomously without much support from their training. It was possible to detect some contributions of video production at school and in the educational process.

**Keywords:** student video production; teacher training; technology.

## INTRODUÇÃO

Em muitas escolas brasileiras, os professores em suas práticas utilizam-se apenas do discurso escrito, quando isso ocorre deixam de considerar várias pesquisas que apontam como as tecnologias contribuem dentro do processo educacional, dentre elas o uso das imagens. É inegável que vivemos um momento no mundo onde as imagens têm um espaço privilegiado desde o início da vida das crianças, onde desde a socialização primária as imagens exercem fascínio e em muitos lares passa a ser o primeiro espaço

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas. E-mail: vaniadalpont@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora e Mestra em Educação (PPGE/FaE/UFPel). Professora Associada no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: maristaniz@hotmail.com.

educacional na formação deste indivíduo. Sendo assim, os professores não podem negar essa existência e ignorar o poder que as imagens podem exercer em suas aulas.

A humanidade sempre tentou de alguma maneira se comunicar. Em cada época os seres humanos se comunicavam com a tecnologia existente, seja pelas gravuras e desenhos deixados nas paredes de cavernas, livros feitos em metal ou pictografias, entre tantas outras formas de comunicação encontradas na história da humanidade. Como afirma McLuhan (1972), quando se refere à tecnologia como uma extensão do homem. Com o passar dos anos várias tecnologias surgiram e modificaram a forma do homem se comunicar, desde as histórias orais passando pelo surgimento da prensa de Gutemberg (1450), o cinema (1895), o rádio (1922) e a TV (1923). Todos esses agentes tecnológicos são organizados e manipulados por um número pequeno de pessoas que ditam como as ações podem e devem ser feitas. A comunicação de um para todos isso em função de quem detêm o poder da comunicação.

A globalização iniciada no início da década de 2000 apresentou várias mudanças na economia e uma delas foi o barateamento dos equipamentos eletrônicos, dentre eles destaca-se principalmente os celulares inteligentes. Diversos modelos foram apresentados com uma grande variação de preços para todas as faixas econômicas. Essa ação aliada a uma política pública de valorização da educação, um aumento do consumo das famílias e a recuperação de empregos entre os anos de 2000 a 2013 (conforme apresentada pelo Ipea 2016), contribuiu para que em 2019 no Brasil o número de celulares ativos fosse maior do que de habitantes em nossa pátria mãe.

Segundo dados do IBGE (2020) nós somos 211 milhões de habitantes no Brasil e dados da ANATEL para o mês de maio/20, indicam que o Brasil terminou o mês com 225,3 milhões de celulares ativos. Analisando estes dados verifica-se que hoje no Brasil, o número de celulares ativos continua sendo maior que o número de habitantes.

Um outro dado interessante vem da Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios, (PNAD), ela mostra que em abril de 2020, o percentual de domicílios que utilizavam a *internet* subiu de 74,9% para 79,1%, de 2017 para 2018 e que o equipamento mais usado para acessar a *internet* foi o celular, encontrado em 99,2% dos domicílios com o serviço. Com acesso à *internet* via celular, um dos seguimentos virtuais que teve maior crescimento nestes últimos anos foram os sites de exibição de vídeo. Muitas pessoas, principalmente os jovens e adolescentes, viraram criadores de conteúdo audiovisual. Uma

coisa, que a alguns anos atrás seria impossível de se realizar sem se ter equipamentos apropriados e caros.

Assim, temos em várias escolas brasileiras, mesmo nas de periferia, alunos com celulares inteligentes.

Com a globalização e o avanço tecnológico dos últimos anos, a tecnologia passou a estar presente diariamente na maioria das escolas, e tornou-se parte da constituição e construção de imaginários presentes na cultura de professores e alunos, que compartilham uma visão de mundo cultural, por meio do aprendizado de valores e sentimentos que estruturam as comunidades contemporâneas.

Diante do contexto, qual seria a função da escola?

Segundo a Constituição Federal de 1988,

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Destacando a frase: “visando ao pleno desenvolvimento da pessoa”, e sabendo que hoje em dia a tecnologia faz parte da sociedade e do dia a dia, reflete-se em como muitas escolas ainda podem ignorar esta ação.

Em 1996 foi criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação que define e regulariza a organização da educação, esta lei foi aprovada para garantir o direito a toda população de ter acesso à educação gratuita e de qualidade, para valorizar os profissionais da educação pública. A LDB 1996 quando apresenta as ações ligadas a Educação informa no seu artigo 1º que,

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Aqui destacamos a frase “manifestações culturais”, pois quando o aluno está utilizando o celular inteligente e realizando um vídeo com os professores é o momento que ele está apresentando uma parte de sua cultura e do seu universo simbólico. Para teóricos como Freire (1963) a formação do sujeito, do cidadão, deve contemplar o seu desenvolvimento e seu papel como cidadão na formação do seu país.

Pareceu-nos, então que o caminho seria levarmos o analfabeto, através de reduções, ao conceito antropológico de cultura. O papel ativo do homem em sua e com sua realidade. O sentido da mediação que tem a natureza para as relações e comunicações dos homens. A cultura como acrescentamento que o homem faz ao mundo que ele não fez. A cultura como resultado de seu trabalho. De seu esforço criador e recriador. O homem, afinal, no mundo e com o mundo, como sujeito e não como objeto. [...] descobrir-se-ia criticamente agora, como fazedor desse mundo da cultura. Descobriria que ele, como o letrado, ambos têm um ímpeto de criação e recriação. Descobriria que tanto é cultura um boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor ou músico. Que cultura é a poesia dos poetas letrados do seu país, como também a poesia do seu cancionero popular. Que cultura são as formas de comportar-se. Que cultura é toda criação humana (FREIRE, 1963, p. 17).

Freire enfatiza que o homem no mundo e com o mundo, como sujeito e não como objeto, e a produção de vídeo estudantil pode contribuir para que o aluno, durante o seu processo educacional, perceba a importância de sua cultura dentro de nossa sociedade mesmo que ela não seja valorizada pelos canais oficiais.

A escola é um espaço privilegiado do saber, é defendido pela Constituição, é um local onde o sujeito aprende as regras sociais para se tornar um cidadão. Porém, será possível se tornar um cidadão hoje em dia sem utilizar as tecnologias? E como usar essa tecnologia no processo educacional?

É preciso pensar que os alunos vivenciam uma realidade diferente da que encontram na escola, onde decodificar uma imagem é tão importante quanto decodificar as letras do alfabeto. Conforme afirma Kenski (2004):

As novas tecnologias de informação e comunicação, caracterizadas como midiáticas, são, portanto, mais do que simples suportes. Elas interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimentos. Criam uma nova cultura e um novo modelo de sociedade (2004, p. 23).

Assim, a escola vive a dicotomia entre a escrita que as políticas públicas cobram e a realidade que os alunos vivem em relação à utilização da tecnologia. Entre os estímulos ambientais que os jovens estão submetidos, a tecnologia surge com grande impacto, infiltrando-se em todos os setores da vida e fazendo parte do seu cotidiano, influenciando tanto no comportamento imediato, que possibilita criar modismos, quanto nos valores culturais, o qual modifica significativamente a sociedade e seu modo de viver e agir.

Como afirma Ferrés (1996, p. 9): “as invenções tecnológicas mudam hábitos, costumes e, convergem em mudanças culturais, que por sua vez geram mudanças na estrutura da sociedade”. Se a sociedade mudou a base que lhe dá suporte para o seu funcionamento necessita mudar também e neste espaço a escola é um dos polos importantes para manter ou modificar essa estrutura.

A utilização de vídeo na sala de aula parece ser um assunto novo, porém desde a década de 1920, Roquete Pinto defendia o uso da tecnologia como um processo educacional que consistia em mostrar o Brasil para os brasileiros.

O rádio foi um aparelho difundido no Brasil na década de 1920, pelo professor e pesquisador Roquette-Pinto, que se constitui em figura de extrema importância como pesquisador na área educacional utilizando-se tanto do rádio como do cinema. Amante da tecnologia da época, Roquette Pinto ao conhecer o rádio em 1922 achou que seria uma ótima ideia utilizar essa ação dentro do processo educacional, usar o rádio para educar o povo. Em um país onde a maioria da população é analfabeta, o rádio se apresentava como um instrumento ideológico e político muito forte. Principalmente educacional onde o pesquisador pela manhã lia e comentava os principais assuntos do dia, além de informar ações de saúde para a população de forma geral.

Na década de 1930 ajudou na criação do Instituto Nacional de Cinema e Educação (INCE) onde era gravado imagens do folclore, cultura e lendas do Norte e exibido no Sul e vice-versa, assim o Brasil era apresentado aos brasileiros, a sua cultura, seu folclore e suas lendas.

Jonathas Serrano e Francisco Venâncio Filho, em 1931, publicam o livro “Cinema e Educação”, explicando para os professores como deveriam utilizar o cinema dentro de um contexto educacional. O livro apresenta algumas das características morais que o filme educativo deveria conter, dentre elas, o conteúdo deveria abordar assuntos referentes a construção moral do aluno.

Na década de 1960 principalmente com o fim do INCE a relação entre cinema e educação foi se afastando. Porém, pesquisas realizadas pelo LabPve demonstram que a produção de vídeo estudantil, pode estar organizando uma aproximação entre o cinema e educação dentro do processo educacional.

---

<sup>3</sup> Dados históricos. Disponível em: <<http://www.historiadoradionobrasil.com.br>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

Assim, a questão principal para este artigo é debater a pergunta: “Se na sua formação acadêmica, tivesse tido aulas de produção de vídeo estudantil, você acha que isso poderia ser útil e colaboraria com a utilização desta ferramenta tecnológica no seu dia a dia como professor(a)?”

Essa questão é apresentada a partir do momento que se verifica que o estado do Rio Grande do Sul é o que apresenta o maior número de cidades que produzem vídeo dentro do espaço escolar. Na Tabela 1, destacam-se os principais festivais e mostras de vídeo estudantil do estado do Rio Grande do Sul:

Tabela 1: Principais Festivais e Mostras de Vídeos Estudantis do Rio Grande do Sul

<b>Cidade</b>	<b>Festival e mostra</b>
Campo Bom	<u>Festcine 31</u>
Lajeado	<u>Festival de Cinema de Lajeado</u>
Santo Ângelo	<u>Festival de Cinema de Santo Ângelo</u>
Três Passos	<u>Festival de Cinema de Três Passos</u>
Alvorada	<u>Festival de Cinema Escolar de Alvorada (FECEA)</u>
Guaíba	<u>Festival de Cinema Estudantil de Guaíba</u>
Canguçu	<u>Festival de vídeo estudantil de Canguçu</u>
Capão do Leão	<u>Festival de vídeo estudantil de Capão do Leão</u>
Cruz Alta	<u>Festival de Vídeo Estudantil de Cruz Alta</u>
Pelotas	<u>Festival de Vídeo Estudantil de Pelotas</u>
Rio Grande	<u>Festival de Vídeo Estudantil de Rio Grande</u>
Ijuí	<u>Festival Estudantil Curtas na Escola de Ijuí</u>
Santa Maria	<u>Festival Internacional de Cinema Estudantil de Santa Maria</u>
Guaíba	<u>Festival Nacional de Cinema Estudantil de Guaíba</u>
Porto Alegre	<u>Festival Primeiro Filme</u>
Taquari	<u>Festival Regional de Cinema e Literatura</u>
Paso Fundo	<u>Goio-en Mostra audiovisual de Passo Fundo</u>
Porto Alegre	<u>Mostra Olhares da Escola</u>
Porto Alegre	<u>Primeira Janela – Festival de Cinema Infanto Juvenil de Porto Alegre</u>
Santa Rosa	<u>Santa Rosa Mostra Cinema</u>

São Leopoldo	<u>São Léo em Cine – Festival de Vídeo Estudantil</u>
São Lourenço do Sul	<u>Festival de Vídeo Estudantil de São Lourenço do Sul</u>

**Fonte:** LabPVE/UFPeL, 2019.

Destes vinte e dois festivais que constam na tabela acima, sete (Festival de Vídeo Estudantil de Pelotas , Festival de Vídeo Estudantil de Rio Grande, Festival de Vídeo Estudantil São Lourenço do sul, São Léo em Cine- Festival de Vídeo Estudantil, , Festival de Vídeo Estudantil de Canguçu, Festival de Vídeo Estudantil Cruz Alta e Festival de Vídeo Estudantil de Capão do Leão ) foram criados com o incentivo e auxílio do Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil (LabPVE), vinculado a Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), na sua criação. Estes festivais surgem em ritmo crescente em função de várias ações, sendo que uma delas é o fato de os alunos estarem portando artefatos tecnológicos como os celulares inteligentes que lhes garantem essa produção. A maioria dos alunos têm facilidade tecnológica no manuseio de telefones inteligentes, bem como, representando as suas independências narrativas e artísticas, favorecidas e expressas, principalmente, no processo de edição.

Diante do exposto, surge uma indagação: quem capacita os professores para que estes possam produzir vídeos com seus alunos? Será que é na graduação que eles aprendem a utilizar a tecnologia audiovisual no processo educacional?

Como observado, a produção de vídeo estudantil adentrou a escola, assim, é preciso pensar e ter em mente quais são as teorias que estão dando base a esse processo.

## **TERIAS CONVERGENTES**

Ao realizar pesquisas sobre produção de vídeo estudantil, mostra de vídeo escolar, cinema na escola -que são as terminologias mais utilizadas- percebe-se que são poucos os pesquisadores que analisam e elaboram teorias sobre esta ação. O grupo do Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil (LabPVE/UFPeL), destaca-se, pois a dez anos dedica-se a observar e a pesquisar professores e alunos que produzem vídeos.

Em uma pesquisa feita sobre o uso prático das tecnologias no curso de Licenciatura em Pedagogia das seis principais universidades do Rio Grande do Sul (Universidade Federal de Pelotas, Universidade Federal de Rio Grande, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,

Universidade Federal de Santa Maria e Universidade do Vale do Rio dos Sinos), Pereira e Mattos (2017) indicaram que apenas dois cursos apresentam uma disciplina sobre tecnologias em seus currículos. Analisando os conteúdos trabalhados na disciplina, os autores concluíram que são apenas teóricos e não apresentam nenhuma atividade prática. Ou seja, não existe prática audiovisual nos referidos cursos e nenhuma disciplina ligada a audiovisual que ensine a produzir vídeo. Essa deficiência por parte destes cursos, responsáveis pela formação inicial dos licenciandos, acaba dificultando a interação do futuro professor com o uso das tecnologias nas aulas.

Á partir da pesquisa realizada por Pereira e Mattos, pode-se observar que, apesar da tecnologia estar diretamente ligada ao dia a dia, ainda não está incorporada na prática da formação dos professores. Qual será o motivo? Por que existe essa distância entre a sociedade e a academia em alguns momentos?

Este contexto está de acordo com a afirmação de Moran (2000, p. 14) sobre as tecnologias: “o novo professor tem que aprender a gerenciar as tecnologias e integrá-las ao seu ensino”. Mas como o docente é capacitado? Se não é, como ele realiza essa produção audiovisual? A pesquisa mostra o curso de Licenciatura em Pedagogia, mas será que em outras áreas os alunos estão tendo formação acadêmica para trabalhar com a tecnologia depois de formados?

Duas teorias se destacam para embasar a produção de vídeo estudantil, uma delas é a Semiótica e a outra é a Neurociência. A semiótica pela criação de um signo linguístico e a Neurociência em função das ações que os alunos realizam e no potencial educacional destas ações para a aprendizagem. As Metodologias Ativas, também se destacam dentro da produção de vídeo estudantil, como uma área de embasamento teórico, pois possibilitam que os alunos estejam ativos dentro do seu processo educacional, ou seja, a produção de vídeo estudantil, proporciona um momento de autonomia do aluno, pois mesmo com a orientação ou mediação do professor, é ele quem vai criar o roteiro, escolher os personagens, locais de gravação e assim por diante.

Das principais teorias estudadas e debatidas dentro da produção de vídeo estudantil nota-se que a Neurociência ganha destaque.

A Neurociência teve suas pesquisas ampliadas no ano de 1990 quando o governo americano proclamou a década do cérebro, e assim várias pesquisas nesta área foram desenvolvidas, dentre elas alguns autores se sobressaíram e apresentaram teorias das mais



variadas, como apresenta-se a seguir, a teoria do Cérebro Trino e a teoria das Múltiplas Inteligências.

## **TEORIA DO CÉREBRO TRINO**

Foi desenvolvido pelo pesquisador Paul MacLean, o qual defende que o cérebro humano é dividido em três cérebros: o primeiro seria o Cérebro Reptiliano responsável pelos reflexos simples e inconscientes, também chamado de Cérebro Instintivo. O Cérebro Límbico chamado de Cérebro Emocional, é o segundo, e que cuida da criação de memória e dos comportamentos emocionais dos indivíduos, este é o nível mais importante para o processo educacional, pois todo o processo educacional que se deseja fixar na memória, passa por ele, assim, tem-se que sem memória ou a possibilidade de criação de memória, como se aprenderia?

Para o autor a criação de memória é ativada com ações emocionais, ou seja, um dos catalizadores ou a ação que ajuda a criar memória é a emoção. Um exemplo prático é que muitas vezes se lembra de acontecimentos que ocorreram há muito tempo e não se recorda de ações recentes. Por exemplo, uma mãe ou pai com certeza lembram do dia do nascimento do filho/a, o clima, como chegou no hospital, o que aconteceu até o nascimento do bebê, todavia, ao mesmo tempo não consegue lembrar do que almoçou há uma semana. O motivo é que o nascimento do filho/a teve emoção e se alojou em partes do cérebro da memória chamada de longo prazo, o almoço da semana passada foi uma ação corriqueira, não tem laços, assim, não foi criada uma memória de longo prazo.

O terceiro seria o Cérebro Neocórtex que é o responsável pelo raciocínio lógico. Observa-se que a maioria das escolas trabalham basicamente apenas com o raciocínio lógico dos alunos, ignorando o que mais contribui com a memória: a emoção. ações.

## **INTELIGÊNCIA EMOCIONAL**

O pesquisador Antônio Damásio médico e professor de Neurociência, apresenta a importância da emoção na nossa sociedade. Analisando seus pacientes começou a perceber qual o motivo que levava uma pessoa que criou um império financeiro a perder tudo de forma rápida e percebeu que geralmente existia uma ação emocional atrapalhando

o raciocínio lógico e fazendo a pessoa agir de forma equivocada. Assim, iniciou uma pesquisa que deu vida ao seu livro: “O erro de Descarte”, onde, segundo o pesquisador não se pode afirmar que “penso logo existo”, mas sim que “penso e sinto, logo existo”. Diante destas pesquisas fica evidente a importância da emoção nas nossas vidas e o equilíbrio entre a razão e a emoção. Entretanto, dentro do espaço escolar esse equilíbrio não é vivenciado pois, muitas vezes professores e professoras idealizam o aluno ideal, e acabam limitando a criatividade dos alunos. A produção de vídeo estudantil pode ser um elemento que contribui para que a razão e a emoção possam conviver de forma direta e simples dentro do espaço escolar.

O Laboratório Acadêmico de Produção de vídeo Estudantil (LabPVE/UFPel) criou a Metodologia da Produção de Vídeo Estudantil (Metodologia PVE), que contribui com essa ação de como os professores podem utilizar celulares e câmeras fotográficas para produzir vídeo com os alunos de forma pedagógica.

Ou seja, quando se pensa em produzir um vídeo com os alunos o processo talvez seja o mais importante pois a produção de vídeo estudantil ela não vale somente pelo produto final, mas sim por todo o processo que os alunos fazem e passam até chegar na versão final de seu vídeo. Quando o aluno está neste processo é que o professor vai criando sua metodologia, pois tem professor que vai apresentar aos alunos um roteiro de modo estruturado, outros vão apresentar o roteiro clássico como o cinema apresenta e outros professores que nem vão criar o roteiro com os alunos, apenas vão dizer para os alunos gravarem. Então assim, cada professor vai criar um método para se trabalhar na construção do vídeo junto com os alunos. E é no processo de produção de um vídeo que o aluno se encontra com o seu caminhar, e é neste caminhar que ele aprende com o grupo.

O LabPVE defende que a produção de vídeo estudantil é uma Metodologia Ativa, pois, quando está produzindo seu vídeo, o aluno está ativo dentro do processo, realizando a ação. É um momento que não tem como copiar do outro e o grupo precisa criar um signo linguístico e é neste diálogo, nesta troca de informações, no debate, nas brincadeiras entre eles, que se aprofunda a memória de longo prazo e cria-se um vínculo de amizade.

No LabPVE encontram-se vários depoimentos de alunos que mostram que as turmas ficaram mais unidas depois da produção do vídeo, pois eles passaram a se respeitar mais. Na Produção de vídeo estudantil, o ideal seria não impor um tema para os alunos,

mas sim ir construindo com eles, discutindo com o aluno sua relevância, suas características, aspectos, ouvindo o que eles têm a dizer.

Produzir um vídeo é o espaço dentro da escola, onde o aluno usa sua criatividade para se comunicar com o mundo e não apenas com o seu professor por uma nota específica. É um momento em que o docente mesmo sem querer não pratica mais a educação bancária denunciada por Freire, pois neste processo de produção professor e aluno dialogam e criam juntos, contribuindo assim para uma nova dimensão pedagógica e afetiva entre os que estão realizando a ação prática de produzir um artefato audiovisual.

Pode-se dizer que a produção de vídeo estudantil é um órgão sistêmico, ou seja, a gente não pode falar de uma produção de vídeos dentro de um contexto simples, pois é um órgão complexo e depende do movimento inicial de cada membro do grupo. Então a produção de vídeo estudantil abrange o todo, porque ela é um processo que engloba várias ações e dentre essas ações a gente destaca o processo, o currículo oculto e o universo simbólico do aluno.

Fazer vídeo é algo diferente dentro do processo educacional e o processo ocorre no que chamamos de currículo oculto, pois é na realização, no processo de fazer vídeo que se realiza o processo educacional.

Quando o aluno pensa em estratégias, por exemplo, de como conseguir determinado espaço para gravar, ou como conseguir um determinado figurino para uma cena, enfim, isso pode não estar ligado no currículo formal do processo educacional, porém ele está intrinsecamente ligado há um currículo oculto que são os conteúdos ensinados e aprendidos de forma não explícita na escola, não ligados as diretrizes da educação básica mas que fazem parte de ações educacionais para a formação de um cidadão pleno.

Então, para poder produzir um vídeo é necessário que se debate, que se converse com os demais colegas e assim, um tem que ouvir a ideia do outro, por mais que não goste da ideia, ou não goste do outro, ele vai ter que ouvir, pois a produção de vídeo é uma ação coletiva e democrática, sendo assim, terá que ouvir, e respeitar a opinião dos demais colegas, e ao realizar estas pequenas ações com os nossos alunos, sem que se perceba se está atuando com o currículo oculto.

## MÉTODO

Partindo do pressuposto que produzir vídeo estudantil, faz parte do momento histórico vivido pelos nossos alunos, e que isso faz parte da realidade deles, realizou-se uma pesquisa exploratória, que segundo Gil (2007), permite explorar novos espaços, proporcionando maior familiaridade com o problema.

Assim, foram convidados professores da rede municipal de ensino do Estado do Rio Grande do Sul, vinculados ao grupo de pesquisa e extensão de Produção de Vídeo Estudantil da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), coordenado pelo Prof. Dr. Josias Pereira pertencente ao Curso de Cinema do Centro de Artes. Solicitou-se à coordenação do grupo o contato de professores que produziam vídeo com seus alunos e que participavam ativamente do grupo de pesquisa.

Somando um total de trinta contatos, pôde-se estabelecer a pesquisa exploratória, que buscou informações sobre o perfil dos participantes, sua relação com a produção de vídeo e sua formação acadêmica. A pesquisa foi desenvolvida no período de 05 de agosto a 05 de setembro de 2019, e contou com a participação voluntária dos professores convidados. Elaborou-se um formulário online no Google, denominado: “Produção de vídeo na formação acadêmica”, que posteriormente, foi enviado por e-mail para os trinta professores indicados pela coordenação do grupo de Produção de Vídeo Estudantil, contendo cinco questões, sendo três abertas e duas de múltipla escolha.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os 12 professores que responderam ao questionário estão distribuídos entre cinco cidades do Rio Grande do Sul, como se pode observar na Tabela 2:

Tabela 2: Número de respondentes por cidade. Dados: Autora, 2019.

<b>Número de respondentes</b>	<b>Cidades</b>
4	Capão do Leão
1	Morro Redondo
5	Pelotas
1	Rio Grande
1	São Lourenço do Sul

A Tabela3, demonstra a formação acadêmica dos professores respondentes:

Tabela 3: Formação acadêmica dos professores respondentes

Número de respondentes	Formação Acadêmica
1	Graduação
8	Especialização
2	Mestrado
1	Doutorado

Dados: Autora, 2019.

Na pesquisa exploratória realizada, os professores respondentes foram unânimes em dizer que “sim”, seria importante que em sua formação acadêmica houvessem aulas práticas que versassem sobre a produção de vídeo estudantil. A resposta das professoras, demonstram que o fato de ser ofertado na sua formação uma disciplina que contemplasse a produção de vídeo, estas teriam mais segurança e domínio das técnicas, além de orientar os alunos com mais qualidade na produção de seus vídeos.

Também afirmaram em suas respostas que a produção de vídeo estudantil pode realizar mudanças nas práticas escolares e possibilitar ao docente conhecer a realidade do aluno. Como afirma Pereira (2012), o vídeo quando utilizado em sala de aula, possibilita atividades que envolvem diretamente o cotidiano dos alunos e talvez por isso chame tanto a atenção dos que se encontram envolvidos com essa tecnologia.

Pensando em preservar a identidade das professoras, as falas serão indicadas pela letra “P”, adicionada a um número. Ao analisar as respostas dadas à pergunta referente a questão norteadora desta pesquisa: “Se na sua formação acadêmica tivesse aulas de produção de vídeo, você acha que isso poderia ser útil e colaboraria com a utilização desta ferramenta tecnológica no seu dia a dia como professor(a)? Por quê?”, selecionou-se as mais relevantes. Como pode-se observar a seguir:

*P1 – Sim, seria perfeito.*

*P8 - Sim. É um recurso a mais para utilizar com os alunos.*

*P6 - Acredito que sim, pois, teríamos mais conhecimento para lidarmos com a ferramenta.*

*P10 - Sim, pois os vídeos estão presentes em nosso cotidiano e podem ser uma excelente ferramenta para o professor desenvolver aprendizagens junto com seus alunos.*

Percebe-se que para este grupo de professores, aprender a fazer vídeo dentro do espaço escolar seria útil no seu dia a dia. E se aprendessem sobre a Metodologia PVE poderiam sair do estrato usual e tecnicista do vídeo para que ele se torne um processo educacional. Como defende Pereira e Dal Pont (2014) produzir vídeo vale pelo processo de fazer a obra audiovisual e não apenas pela parte tecnicista.

Outro grupo de professores defende que o vídeo pode ser utilizado além da parte técnica.

*P7 - Sim. Seria porque os alunos adoram e fazem vídeo com esmero e muita diversão.*

*P2 - Sim. Seria útil porque acredito que ajudaria a desenvolver materiais para estimular a criatividade, a comunicação, convívio social, e as artes de uma forma geral. Desde a educação infantil até a de adultos.*

*P5 - Sim, porque o trabalho realizado com a ajuda da tecnologia funciona como um dispositivo que motiva o aluno para suas produções, pois ele agiliza ferramentas que já estão inseridas no seu cotidiano.*

Para este grupo de docentes, a produção de vídeo estudantil é vista como uma ação além da técnica, pois gera diversão, convívio social e motiva os alunos. Estas ações estão dentro dos preceitos da Neurociência, O docente tem a percepção de que o fazer vídeo pode contribuir e estimular várias ações pedagógicas no discente.

Como observa-se na fala do P4, o professor pode pensar em utilizar o vídeo e suas linguagens para melhorar o produto final:

*P4 - Sim. Se tivesse contato com essa linguagem antes já teria mais subsídios para qualificar o trabalho e orientar os alunos com mais qualidade.*

Pereira e Dal Pont (2014) defendam que o vídeo vale pelo processo, pois os alunos gostam de um vídeo bem feito e de qualidade. Hoje em dia com as técnicas e os celulares é possível fazer vídeos com qualidades.

Para os P 11 e P3, é importante se preocupar com a parte técnica da produção do vídeo:

*P 11 - Sim. Com certeza teria mais domínio e segurança sobre as técnicas e facilitaria a utilização em meu trabalho em repassar para os alunos e alunas.*

*P 3 - Sim, produzir os vídeos, a nível júri popular, mas se fosse por júri técnico, seríamos insuficientes e talvez fossemos eliminados. Acredito que a formação nós ajudaríamos a preencher técnicas de aperfeiçoamento e a lidar com a parte pedagógica.*

Neste caso o P11 e o P3, demonstram preocupação com a parte técnica do vídeo, o que é normal em um primeiro momento, ou seja, dominar a técnica para depois poder ver e entender o vídeo como um processo educacional.

*P 12 - Sim, seria uma maneira de pensar mais na parte pedagógica do que a parte técnica.*

*P 9- Sim. Porque o trabalho seria aperfeiçoado. Certamente que o uso desta ferramenta colabora para o processo ensino-aprendizado entre professor e aluno, pois desperta a descoberta, a curiosidade, além de ser uma técnica nova para o fazer e o saber!*

Diante desta estimativa, pode-se pensar que a produção de vídeo em sala de aula é algo que vem crescendo em nossas escolas e que pode ser capaz de influenciar na produção de conhecimento, ou como defendem, Borba e Villareal (2005) o conhecimento é produzido por um coletivo, composto por seres-humanos-com-mídias, ou seja, o conhecimento se dá pela interação entre os indivíduos e as mídias, ou seja, no momento em que o professor trabalha com esta ferramenta na sala de aula, está popularizando estes artefatos tecnológicos e dando um passo criativo em favor da educação, propiciando aos alunos uma experiência divertida e criativa, onde poderão construir seu aprendizado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao relatar que em sua prática pedagógica produzem vídeo com seus alunos, os professores demonstram que esta ação pode ser uma excelente ferramenta para desenvolver atividades de aprendizagem com os mesmos.

Verificou-se que apesar da prática da produção de vídeo ser uma crescente dentro destas escolas gaúchas, encontra-se ainda, muita resistência por parte do corpo docente.

A causa para isso estar acontecendo pode ser a falta de formação – inicial e continuada, como mencionado no texto. A falta de uma formação contínua inviabiliza o professor de refletir sobre sua prática, e esta falta de reflexão pode fazer com que o professor repita o mesmo planejamento durante anos, não levando em conta as mudanças políticas, sociais e econômicas que o cerca em determinado contexto histórico, não permitindo assim, que a realidade faça parte do dia a dia da sala de aula.

Comprovou-se que a totalidade dos professores considera que em sua formação, seria preciso a existência de uma disciplina que contemplasse a produção de vídeo, pois assim sairiam da graduação com domínio e segurança para utilizarem esta ferramenta com seus alunos.

## REFERÊNCIAS

BORBA, M. C.; VILLARREAL, M. E. **Humans-With-Media and the Reorganization of Mathematical Thinking: information and communication Technologies, modeling, experimentation and visualization**. v. 39, New York: Springer. 2005.

CASTRO, Ruy. **Roquette-Pinto: O Homem Multidão**. Revista especial dos 60 anos da Rádio MEC. Rio de Janeiro, 1996.

CBPEV. **Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil**. 2016. Disponível em: <https://videoestudantil.com.br/livro-cbpve/>. Acesso em: 30 set. 2019.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso: 26 de agosto de 2020.

DAMASIO, António. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FERRES, Joan. **Vídeo e Educação**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FILHO, DANIEL. **O circo eletrônico: fazendo TV no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FREIRE, Paulo. **Conscientização e Alfabetização: uma nova visão do processo**. Revista de Cultura da Universidade do Recife. Nº 4; Abril-Junho, 1963.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.



IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box\\_popclock.php](https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box_popclock.php). Acesso: 19 maio de 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Uso de internet , televisão e celular no Brasil. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso: 26 de maio de 2020.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6779/1/TD\\_2209.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6779/1/TD_2209.pdf). Acesso: 26 de maio de 2020.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

LabPVE. Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/labpve/>. Acesso: 26 de maio de 2020.

LDB. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso: 26 de dez. de 2020.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: A Formação do Homem Tipográfico**. São Paulo: Nacional, 1972.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2000.

PEREIRA, Josias; DAL PONT, Vania. **Como Fazer Vídeo Estudantil na Prática da sala de Aula**. Editora Erdfilmes. Pelotas, RS. 2014.

PEREIRA, Josias; JANHKE, Giovana. **A produção de vídeo nas escolas: educar com prazer**. Pelotas: UFPel, 2012.

PEREIRA, J.; JANHKE, G. **Produção de vídeo em escolas: educar com prazer**. Pelotas: ErdFilmes. 2012. Universidade Federal de Pelotas. Projeto de Produção de Vídeo Estudantil. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/producaodevideo/>. Acesso em: 22 ag. 2019.

SERRANO, Jonathas; FRANCISCO, Venâncio Filho. **Cinema e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1931.